

EDGAR BASTOS: ENTRE O SILÊNCIO E O VISÍVEL.

A trajetória de um artista alagoano.

Autor: Norman Monteiro da Silva Júnior.

Filiação: Universidade Federal de Alagoas.

www.insite.al.org.br/edgarbastos

Para ser grande, sê inteiro: Nada
teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
Porque alta vive¹.

O Website **Edgar Bastos: Entre o Silêncio e o Visível**, longe de ser uma homenagem póstuma, se coloca como um veículo de divulgação do Projeto de História Oral homônimo. Com ousadia, supera a ausência de registro historiográfico específico sobre o artista e se insere modestamente como tal. Não sublima nem ultraja a personalidade do artista Edgar Bastos, apenas expõe um quadro realista: a excludente relação entre a classe dominante alagoana (consumidora das obras produzidas aqui) e os artistas periféricos marginalizados.

Correríamos o risco de engarrafar e rotular o trabalho dizendo que esta seria a única maneira de perceber o que se passou com o Edgar Bastos. O site está posto como veia aberta à outras indagações. Por isso, optamos por não editar as entrevistas em *formato-texto*² para que não perdêssemos o teor dos depoimentos e da discussão. Todos os trechos escolhidos, para ir ao ar, estão na sua *forma pura*³ e contando apenas com algumas correções gramaticais e a supressão de vícios de linguagem.

Especificamente, objetivou-se, através dos depoimentos dos entrevistados, resgatar aspectos da história do artista plástico Edgar Bastos e identificar as razões que o tornaram sem evidência no meio artístico alagoano. Analisar sua produção pictórica, percebendo quais foram as soluções usadas para expressar a si e a sociedade da qual ele é parte, e como essa sociedade trata essas mesmas imagens. Por fim, investigar quais os parâmetros atuais para se excluir ou se incluir um artista no rol dos evidenciados no mercado local.

Este estudo tem o seu valor à medida que fornece mais explicações sobre quais critérios estão envolvendo atualmente a produção e a comercialização pictóricas do Estado. Ainda mais, especificamente, em Maceió: pois traz à tona o nome de um artista periférico, por tanto, marginalizado e que se encontra envolvido nas brumas do esquecimento. Finalmente, porque nos faz lembrar que a pintura local não é formada apenas por artistas já consagrados, mas também por artistas como Edgar Bastos, José Zumba e tantos outros que permanecem no silêncio das “carpideiras”. Investigar o caso Edgar Bastos significa, oportunamente, visualizar também o processo de uma série de outros casos existentes. Ou pelo menos obter indícios para futuros estudos de trajetórias individuais, que se referem a um espaço comum: o das artes plásticas em Alagoas. Só este último motivo já seria suficiente para justificar todo o esforço empreendido. Analisar a história de vida de um silenciado, nos remete às implicações políticas, sociais e econômicas que influenciam na produção cultural de uma determinada localidade.

O **silêncio** em torno da figura do Edgar Bastos é quebrado e exposto através de quatro diferentes reflexões de pessoas que tiveram graus distintos de envolvimento com ele. Os artistas Persivaldo Figueiroa e Maria Amélia

Vieira, ambos amigos pessoais e de profissão; a professora Célia Campos, Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, conheceu o artista durante as reuniões do Grupo Vivarte⁴ o professor Ricardo Maia, Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que, juntamente com Maria Amélia Vieira, fundou o Vivarte. Através dessas quatro fontes vivas, pinta-se um quadro quase audível (por se tratar de depoimentos) que estará à disposição do observador (internauta) para ser decodificado. O impacto dessas informações na comunidade e a sua repercussão são próprias da dinâmica da História Oral.

Foi de suma importância a história oral como ferramenta para se atingir os objetivos propostos. Pois: “*Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral*”⁵. Afinal trabalhamos com um fenômeno em pleno desenvolvimento e cujos resultados, sobre o cenário no qual reside, ainda não são visíveis. Desse modo, a história oral, foi para nós um instrumento dinâmico e atualíssimo. Outro motivo que legitimou seu uso neste projeto é que: “*Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, (...) têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias*”.⁶ A história de vida do artista Edgar Bastos se enquadra, perfeitamente, dentro dessas minorias culturais discriminadas.

Tão atual e dinâmico quanto a história oral, foi o veículo utilizado para a divulgação dos resultados do trabalho: o website⁷. Não apenas por ser atual, mas pela possibilidade de trabalhar ao mesmo tempo com texto e imagens, estas de fundamental importância para o trabalho. Além disso, o número impressionante de pessoas no mundo inteiro que podem ter acesso a estas informações, traz o nome do artista do *limbo* para o *ciberespaço*. O resgate de aspectos da história de um artista plástico local; realizado através de meios de ampla divulgação justifica todo o esforço.

Foi utilizado um gravador e fitas cassete de 60 minutos para todas as entrevistas. Os respectivos locais e horários das entrevistas ficaram à critério dos entrevistados. Após gravadas, todas as entrevistas foram submetidas à uma *audição prévia* por nossa parte. A *transcrição* foi feita ouvindo-se a gravação e digitando o seu conteúdo no programa *Word*. Após realizado alguns ajustes gramaticais, a entrevista, na íntegra, foi enviada ao entrevistado para leitura e aprovação. Após a aprovação, foram elaboradas cartas de cessão dos direitos autorais, para serem assinadas pelos entrevistados. Segundo o *Manual de História Oral*, deve-se optar pelo que seria o documento central: a entrevista gravada ou transcrita. Consideramos, porém, que, tanto a gravação oral quanto seu estágio escrito representam documentos de igual importância. O próprio website entra também nesta categoria.

O formato foi escolhido por acharmos que atende às necessidades de uma reconstrução histórica. Pela rapidez na comunicação e pela possibilidade de atingir um grande público. A necessidade de se trabalhar com imagens, exibindo-as em conjunto com o trechos das entrevistas, foi também um fator importante na escolha do formato. Mas, uma coisa não deve ser subestimada: o site é uma tecnologia ainda nova, um novo meio de comunicação que permite além de uma ótima resolução para as imagens, uma melhor preservação em relação à outros suportes como o papel ou o filme, por exemplo.

É importante perceber, como a seu modo ingênuo, o artista Edgar Bastos trouxe algumas discussões sobre a vida na sociedade alagoana. Estas discussões foram muitas vezes colocadas em pauta de maneira irreverente e com uma certa amargura, que eram suas características. Mas foi sempre a sociedade a grande retratada pelo artista Edgar Bastos:

a sociedade do prisma de uma pessoa solitária, sofrida e marginalizada. Através da simbologia das damas com os pescoços compridos semelhantes às “mulheres-girafas”⁸, só que sem as argolas para encompridá-los; o imaginário religioso, riquíssimo na sua pintura: presente nos anjos, nas festas religiosas, na Santa Ceia com apenas onze discípulos; os peixes que na verdade eram piranhas e os palhaços que se pareciam com figuras da sociedade.

Através deste quadro, o **visível** fica bem mais “explícito aos ouvidos”, pois as imagens do Edgar têm a intensidade das palavras fortes, faladas com singularidade e ingenuidade poéticas. A expressividade do artista plástico Edgar Bastos ultrapassa o mero campo da visão e nos leva a uma reflexão de quem somos enquanto sociedade: “**piranhas**” ou “**palhaços**”? É dessa forma que o verdadeiro artista deve se posicionar: instigando o observador a se colocar em seu tempo e em seu espaço.

Toda proposta de estudo que contemple um artista alagoano, envolve, em si mesma, uma complicada e particular teia de fatores sociais, econômicos, políticos, estéticos, psíquicos, éticos e culturais, que, em um só e único trabalho, torna impossível seu esgotamento. Por isso, reiteramos que o Website **Edgar Bastos: Entre o Silêncio e o Visível**, não é uma homenagem póstuma, pois o início dos trabalhos se deu em janeiro de 2001. Infelizmente o Edgar se foi em 24 de setembro de 2002, como quem sai, “à francesa”, de uma das muitas festas da elite alagoana das quais participou.

A originalidade deste desafio repousa sobre o fato de que não há produção historiográfica sobre o artista Edgar Bastos. Talvez porque os excluídos, os silenciados e os esquecidos acabem resvalando para um limbo de obscuridades. Então “*é necessário incorporar todo esse vasto acervo de material visual que os homens produziram e nos legaram um campo aberto à exploração pela história ...*”⁹ Desse modo, no desejo de dar o que seria o pontapé inicial nestes registros de resgate histórico sobre artistas plásticos silenciados, trouxemos à luz parte da realidade escondida por trás dos bastidores do cenário pictórico alagoano. Cenário este, aliás, rico em fenômenos a perscrutar. Ora, endossar um passado de glórias, como se fosse essa a única realidade cultural “caeté”, seria improdutivo e falacioso.

O caso Edgar Bastos não é apenas a história de um homem só e “*incomodamente pobre*”¹⁰, mas é também uma pequena amostra do posicionamento de parte da sociedade alagoana em relação à sua própria cultura social e aos seus agentes. Pois, sendo Edgar mais um artista dentre tantos outros que foram relegados ao silêncio, este levantamento, inicialmente, nos mostra um quadro difícil de ser examinado sem a existência de outras fontes documentais. É bem possível que o visível a surgir deste silêncio resulte na seguinte imagem: a de uma sociedade com um arcabouço político e socio-econômico antigo, de mentalidade oligárquica responsável por promover uma cultura elitista, provinciana, restritiva e excludente. Tendo como característica marcante valores tão arcaicos quanto ela própria.

A partir da idéia da existência de um paradigma “*apoiado por um poderoso grupo de consumidores e que assim acaba por determinar a procura e as expectativas do público, os ‘diferentes’ devem curvar-se ou expatriar-se...*”¹¹ O caráter de denúncia, a carência da técnica e a alta expressividade presentes no trabalho do artista Edgar Bastos, quebram a frieza do silêncio e expõem, sem medo, os vermes que nos consomem a alma. Por isso, este trabalho torna-se fruto de um profundo envolvimento com os valores culturais da terra e do repúdio aos trabalhos feitos para agradar esta ou aquela entidade, que reescrevem incansável e sintomaticamente, os feitos e as qualidades dos “grandes nomes” da nossa cultura. Trabalhou-se com um artista conhecido no meio; possuidor de uma obra significativa e que, neste caso, em uma determinada época esteve em plena atividade. Porém, antes de morrer não teve o merecido reconhecimento por parte do meio, não figurando entre os que produziam, expunham e vendiam regularmente. Silenciado, para nós, é o artista que

resvalou para o esquecimento dos meios de evidência atuais. No movimento de escolha entre este ou aquele artista, por parte dos consumidores e críticos (consequentemente da mídia), determinado artista se torna silenciado. Não que ele não possa mais expressar seu descontentamento, mas pelo fato de as suas imagens, que comunicam alguma coisa, não encontrarem espaço para o fazer.

Por isso, a abordagem histórica acerca das imagens surgiu como uma legítima necessidade. Pois, tratar do resgate da história de um artista plástico, exige uma referência imediata à sua obra, seus quadros, sua forma de comunicar-nos algo. E esse algo é para nós de muito valor no levantamento de aspectos da sua história. O que ele tentou comunicar e como o fez, com que símbolos: que representações existem que nos ajudem a descobrir o que queremos saber a seu respeito. “*As imagens que o homem elaborou através dos tempos estão carregadas de propostas, questionamentos, tensões... expressões presentes nas relações sociais que modelam e ao mesmo tempo são modeladas pelas formas de pensar e agir.*”¹² Dessa forma, por definição, a imagem aparece como o conjunto das representações dessas "propostas", "questionamentos", "tensões", "acomodações", "desejos", "respostas", "soluções" e "indícios" de fatos sobre o autor das imagens e sobre a sociedade na qual ele está inserido.

A característica marcante da sociedade alagoana é o tradicionalismo, de ser um meio conservador e hermético à entrada de novas tendências, como mostra Campos sobre o processo cultural em formação no estado: “*...uma cultura carregada de forte teor tradicionalista que se revelará refratária às rupturas.*”¹³ Uma outra característica é a do aprisionamento através do gosto social: “*... O critério de sobrevivência, através do ‘favor’ da compra, leva o pintor a adequar-se às solicitações do mercado ao qual ele se submete. ... Tal submissão anula sua nascente liberdade de experimentação, ... e a sua própria auto-estima.*”¹⁴ O artista é prisioneiro dos gostos do mercado tendo que abandonar muitas vezes a liberdade de criação, temas e estilos que não possuam admiradores entre as classes que compram e que promovem eventos.

Pois para Loureiro, “*essa mesma elite controla até o acesso ao mercado de arte, pois as donas das galerias [todas, aliás, pertencentes à alta sociedade] ... não se dispõem ... a montar exposições de artistas ... sabidamente esnobados pelos seus clientes habituais.*”¹⁵ Então podemos dizer que quando ocorrem certos eventos ou exposições em nível nacional ou internacional, a “escolha” recai justamente sobre os “favoritos”, representantes do gosto dessa elite. É aí que ocorre a famosa *panelinha*, enfraquecendo e empobrecendo a nossa cultura.

O Website **Edgar Bastos: Entre o Silêncio e o Visível**: expõe o artista como **silenciado** e traz à tona uma rica discussão, que pode ser aproveitada, sobre o campo alagoano das artes plásticas e suas interações. Edgar é apenas um entre muitos artistas alagoanos esquecidos, mas, para este um, fizemos a diferença.

Esboço biográfico:

O filho de Júlia Soares Pita Bastos e Valdemar Rodrigues Bastos, nasceu no dia 23 de dezembro de 1935, no bairro do Farol. Estudou até a 8ª série do ginásio no Grupo Escolar Fernandes Lima, onde iniciou seus trabalhos com pintura. Tornou-se funcionário público municipal no início da década de 50, já nesta época ficava pintando com bico de pena no trabalho, seus temas: igrejas, flores, casarios e natureza morta. Suas primeiras influências foram os pintores famosos da época: Lourenço Peixoto, Zumba, Zé Paulino e Miguel Torres. Viajou para Recife na década de 60, onde

conheceu os artistas pernambucanos Brenan e Lula Cardoso Ayres que trabalhavam com cores fortes e temas nordestinos, na volta Edgar trouxe essas influências para os seus trabalhos.

Em São Miguel dos Campos, Roberto Lopes dá o pontapé inicial na carreira do Edgar que passou a pintar em telas e a comercializar seus trabalhos, acrescentando temas como **palhaços**. Sua primeira exposição, na mesma década, aconteceu na Galeria Rosalvo Ribeiro, Praça dos Martírios, em conjunto com Rosival Lemos. Já em 70 o artista fez a sua primeira individual no antigo Departamento de Assuntos Culturais - DAC. Fora de Alagoas seus trabalhos puderam ser vistos na Base Naval de Aratu (BA) em plena ditadura militar. Em 79 foi selecionado com mais sete artistas alagoanos para expor no Projeto Arco-Íris, na Galeria Sérgio Milliet (RJ), ao lado de Rogério Gomes e Pierre Chalita. Em 80, convidado por Lourdes Cedran, diretora do Parque das Artes (SP), levou suas obras para a capital paulista. O evento reuniu artistas de todo o Brasil e Edgar dividiu o espaço com Lasar Segal, Alcides Santos e Djanira. No mesmo ano expôs no Museu de Assis, cidade do interior paulista, onde permanecem três de suas obras. Edgar Bastos participou ainda de inúmeras coletâneas uma delas foi na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, sob a curadoria de Tânia Pedrosa – em homenagem ao centenário de Jorge de Lima.

De personalidade controversa e alegre, Edgar, une-se a outros artistas e intelectuais para fundar um grupo que seria um marco na história das artes plásticas em Alagoas: o Grupo Vivarte. Com idéias libertadoras este grupo, que durou de 1984 a 1985, conseguiu modificar profundamente a produção pictórica da época. Um grande evento que se seguiu ao surgimento do Vivarte foi a I Cruzada Plástica (1ª Jornada: A Nova e a Novíssima Pintura Alagoana), que teve Edgar com suas **Piranhas** como um dos participantes em 12 de março de 1987, na Galeria Miguel Torres. Em 1990 foi realizada no hall da estação ferroviária uma coletiva intitulada “Ceci n’est pas une pipe”, em homenagem aos 25 anos de carreira do pintor Edgar Bastos. Ele participou ainda do projeto Belas Artes, em 1994, onde pintou um pano de jangada que acabou virando capa da revista *Maceió Travel & Tour*. Sua última individual aconteceu em plena rua.

Em uma de suas últimas entrevistas, dezembro de 2000, Edgar se queixava do salário de aposentado pelo município; já não produzia mais e nem participava de exposições. Morreu no dia 24 de setembro de 2002, ao seu enterro compareceram, além dos amigos, umas poucas pessoas e os jornais locais não deram destaque ao fato.

Muitas vezes fomos desencorajados, no decorrer do caminho, por pessoas que “não entenderam” o porquê da escolha de um artista tão sem o “glitter” da mídia. A nosso ver, a História não deve reproduzir a ideologia hegemônica. Ao contrário, deve denunciar, desmascarar, evidenciar, trazer à tona tudo o que essa tendência tenta esconder: a relação entre o silêncio e o visível, em todos os seus níveis e sob as mais diferentes nuances. Muitas vezes, sentimos essa rejeição ao falarmos do nosso projeto. Era como se o Edgar fosse aquela “batata quente” que ninguém quer segurar, mas que ao mesmo tempo todos têm medo de saber que são também responsáveis de alguma forma. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, temos agora o Website **Edgar Bastos: Entre o Silêncio e o Visível**. Reiteramos que é necessário despertar para a importância de se estudar o campo alagoano das artes plásticas sob o prisma dos artistas marginalizados.

NOTAS

1 “Para ser grande” de Ricardo Reis/Fernando Pessoa

² Algumas linhas de trabalho com História Oral, dizem ser possível transformar cada entrevista transcrita em um texto diferente. Neste tipo de apresentação as falas do colaborador (entrevistado) são fundidas para dar a seqüência lógica de um texto. No nosso trabalho evitamos mudar o que foi dito pelos entrevistados.

³ As falas do colaborador são mantidas, na transcrição, da forma como foram faladas.

⁴ Grupo surgido na década de 80, do qual Edgar Bastos participou, era basicamente composto de artistas e intelectuais da época. O “Noitário de uma Revolta” é o diário noturno do Grupo, ainda inédito, é também o principal registro de sua existência

⁵ MEIHY, José Carlos Sebe., *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.p.10.

⁶ Idem, p.9.

⁷ É importante valorizar a relação que se estabelece entre a história oral e os aparelhos tecnológicos dispostos ao consumo do mundo moderno. O uso da mediação eletrônica, por meio dos vários aparelhos postos no mercado, faz com que quem trabalha com história oral se insira no espaço vivencial de seu tempo, valendo-se também dos meios disponíveis para a melhoria da condição intelectual.

⁸ Conhecidas assim, por usarem como colares argolas de metal que esticam o pescoço. Um exemplo é o da tribo Pa Dong, que vive nas montanhas da Tailândia, sudeste do continente asiático.

⁹ MEIRELLES, Willian R. História das Imagens: uma abordagem, múltiplas faces. Revista Pós-História. UNESP, v.3, p.96, 1995.

¹⁰ COSTA, Marcos F. Edgar Bastos ou a transparência temática. In: Catálogo Mostra Alternativa Cruzada Plástica. 1ª Jornada: *A Nova e a Novíssima Pintura Alagoana*. Maceió: SERGASA/FUNTED, 1987.

¹¹ GINZBURG, C. História da arte italiana. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989, cap. 1, p. 62.

¹² MEIRELLES, Willian R., op. cit, p.95.

¹³ CAMPOS, Céli. Uma visualidade: trajetória e crítica da pintura alagoana 1892 - 1992. São Paulo: Escrituras, 2000, p. 119.

¹⁴ Idem, p. 121 -122.

¹⁵ LOUREIRO, In: CAMPOS, op. cit. P. 116.